

ENTREVISTA: LÉA BEATRIZ SOARES

Interview: Léa Beatriz Soares

Entrevista: Léa Beatriz Soares

Maxta, B.S.B, Bezerra, W.C, Tomasi, A.R.P., Melo, L.C. (2022). Entrevista: Léa Beatriz Soares. Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. 6(4), 1474-1482. DOI: 10.47222/2526-3544.rbto50500

Bruno Souza Bechara Maxta 

<https://orcid.org/0000-0001-8946-4992>

Universidade Federal de Minas Gerais,
Departamento de Terapia Ocupacional
Belo Horizonte, MG, Brasil.

Waldez Cavalcante Bezerra 

<https://orcid.org/0000-0001-7178-4074>

Universidade Estadual de Ciências da
Saúde de Alagoas, Núcleo de Ciências
Humanas, Sociais e Políticas Públicas,
Maceió, AL, Brasil

Alessandro Rodrigo Pedroso Tomasi 

<https://orcid.org/0000-0002-4711-0544>

Universidade Federal de Minas Gerais,
Departamento de Terapia Ocupacional, Belo
Horizonte, MG, Brasil.

Luiza Carla de Melo 

<https://orcid.org/0000-0002-5602-0831>

Universidade de Pernambuco, Residência
Multiprofissional em Saúde da Família do
Campo, Pernambuco, PE, Brasil.

Resumo

Objetivo: Entrevista realizada com a professora Léa Beatriz Teixeira Soares na ocasião dos trinta anos de publicação do estudo *Terapia Ocupacional: lógica do capital ou do trabalho?* **Síntese dos elementos do estudo:** Foram realizados diálogos acerca dos elementos da conjuntura política acadêmica e profissional do seu estudo. **Conclusão:** Estudo que organizou o pensamento materialista histórico e dialético na Terapia Ocupacional brasileira.

Palavras-chave: Terapia Ocupacional, Marxismo, Capitalismo, Livro, Entrevista.

Abstract

Objective: Interview conducted with Professor Léa Beatriz Teixeira Soares on the occasion of the 30th anniversary of the publication of the study *Occupational Therapy: logic of capital or work?* **Synthesis of the study's elements:** Elements of the academic and professional political context of its study were discussed. **Conclusion:** Study that organized the historical and dialectical materialist conception in Brazilian occupational therapy.

Keywords: Occupational Therapy, Marxism, Capitalism, Book, Interview.

Resumen

Objetivo: Entrevista realizada con la profesora Léa Beatriz Teixeira Soares respecto al 30º aniversario de la publicación del estudio *Terapia Ocupacional: ¿lógica del capital o del trabajo?* **Síntesis de los elementos del estudio:** Se discutieron elementos del contexto político académico y profesional de su estudio. **Conclusión:** Estudio que organizó el pensamiento materialista histórico y dialéctico en la Terapia Ocupacional brasileña.

Palabras clave: Terapia Ocupacional, Marxismo, Capitalismo, Libro, Entrevista.

Léa Beatriz Teixeira Soares

É Terapeuta Ocupacional, professora aposentada do Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos-SP. Seu livro *Terapia Ocupacional: lógica do capital ou do trabalho?* completou trinta anos de publicação no ano de 2021. Esta obra é reconhecida pela relevante teorização marxista acerca do advento e desenvolvimento da Terapia Ocupacional no capitalismo da segunda metade do século XX no País. Em entrevista virtual, gentilmente oferecida pela professora Léa Soares ao Coletivo Marxismo e Terapia Ocupacional, em março de 2020, dialogamos sobre a conjuntura política acadêmica e profissional do seu estudo.

Coletivo MTO: Boa tarde, professora Léa. Ano que vem, o seu estudo *Terapia Ocupacional: lógica do capital ou do trabalho?* completa trinta anos de publicação ...

Léa: Este texto foi uma construção coletiva. Embora ele tenha uma assinatura individual, fruto do meu trabalho de mestrado, advém de um processo de um grupo de pessoas que vinha buscando respostas fora do âmbito da profissão e, ao mesmo tempo, querendo encontrar soluções para os dilemas que vivíamos como profissionais. Nos anos 1970, quando eu me formei, havia muita crítica por parte dos profissionais; muitos buscavam respostas e encontravam, na verdade, ofertas para mais especializações, mais informação técnica, sem uma fundamentação mais filosófica ou política. Então, a busca da pós-graduação e, para ser docente e melhorar a formação, melhorar a minha competência e de nossos colegas, me levou para o programa de mestrado. Na UFSCar¹, encontrei uma turma legal para a gente pensar e fazer as coisas. A diferença é que, como eu já estava na pós-graduação, eu tinha participado já de um grupo de pesquisa, essencialmente, para Educação Popular, usando o método Paulo Freire. Então, eu tentei conciliar estas conversas, debates e participação política com a questão da formação. Eu consegui um professor que topasse esse tipo de tema, embora fosse um pouco longe da área dele na filosofia e na pedagogia. Mas ele também se arvorou na Terapia Ocupacional, me deixou também com as rédeas mais soltas para eu ir atrás de material e isso aconteceu. Foi um estudo porque não se tinha muito prazo, ninguém tinha afastamento, não tinha financiamento, mas foram anos muito proveitosos da minha vida de solteira, na época, então eu estava com o gás todo.

Coletivo MTO: Conte-nos sobre a sua experiência com a Educação Popular e o método Paulo Freire.

Léa: Ela aconteceu em Piracicaba-SP, no início da minha formação e especialização, em um centro de reabilitação de pessoas com deficiência. Neste serviço, eu fui trabalhar na área de oficina de colocação profissional. Foi um período de trabalho curto. Na Unimep², eu era uma professora horista, eu pegava disciplinas avulsas. Lá, eles ofereciam cursos para capacitar as pessoas para serem professores, mas eles não tinham muitos profissionais, então eles insistiram para que eu desse aulas. Me sentia ainda

¹ Universidade Federal de São Carlos.

² Universidade Metodista de Piracicaba.

como recém-formada, mas, quando a gente quer, a gente se habilita. Arrisquei e segui em frente. Já em Campinas, quando eu trabalhei, era de tempo parcial. Eu trabalhava com crianças em idade escolar. Assim, assumi a linha de desenvolvimento infantil no grupo da PUC³, que tinha um viés forte de participação popular, da intervenção social, da construção de novas ações. E, lá, eu me alegrei; fiquei muito próxima da Helô⁴ e da Berenice⁵, que depois acabaram estudando sobre a episteme da Terapia Ocupacional. Eu comecei a minha experiência sindical lá na PUC. No meu primeiro ano como docente, fizemos greve de professores. Ao final desse primeiro ano de greve e de negociações, tiramos melhorias para as nossas condições de trabalho, mas tivemos, também, surpresas nas definições da universidade. Eu e um grupo de professoras, eu era do conselho fiscal do sindicato, fomos demitidas. De lá, eu vim para São Carlos prestar o concurso com essa experiência de ter sido demitida por ser uma agitadora, uma militante (risos) ...

Coletivo MTO: ... uma terapeuta ocupacional, professora e sindicalista ...

Léa: ... Isso! Uma sindicalista! (risos). Nesta época já tínhamos greves dos operários metalúrgicos e etc., mas, no meio dos professores, ainda era recente.

Coletivo MTO: Esta greve foi em que ano, Léa? Por um acaso, foi no auge do movimento organizado dos trabalhadores e trabalhadoras no final da década de 1970?

Léa: Isso! Foi em 1978. Eu ainda era docente da Unimep. Lá, nós já tínhamos um sindicato se organizando. Em 1979, se puxou como diretriz, pelo movimento nacional de professores que se constituíram a organização e a greve nacional, que, na PUC, aconteceu anos depois. Lá, o reitor da PUC autorizou as demissões para os coordenadores fazerem o seu leque de pessoas nefastas (risos). Eu, a Helô e mais quatro professoras do curso de fisioterapia foram demitidas ou [tiveram] renovados os contratos. Então, eu vim para cá, para a UFSCar, com o pensamento e pergunta: 'Bom, e aqui, dá para ter atividade sindical? Vocês demitem professores se eles participam de sindicato?' Isso eu já perguntei na banca do concurso mesmo. E o pessoal: 'não, aqui é bem mais tranquilo, mais democrático; pode participar do sindicato' e tal. Aí, no meu primeiro ano de Universidade, eu já fui para o sindicato. Bem, a experiência de Educação Popular e Método Paulo Freire foi aqui na Federal⁶. O sindicato mais forte era o dos funcionários. Os sindicalizados falavam de que muitos não eram alfabetizados e sentiam vergonha de certas condutas ou práticas que estavam sendo institucionalizadas na Universidade pelo fato de eles não saberem ler as instruções ou, até mesmo, para atividades pessoais ou coletivas, como ler a Bíblia ou tirar carteira de motorista. Daí, um grupo da Educação se prontificou a fazer um projeto de alfabetização de funcionários. Então, a gente trabalhava neste projeto em torno de duas horas todos os dias. Foi uma experiência muito enriquecedora. Não só tivemos uma assessoria com Paulo Freire, como

³ Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

⁴ Professora Maria Heloisa da Rocha Medeiros.

⁵ Professora Berenice Rosa Francisco.

⁶ Universidade Federal de São Carlos.

participamos de outros grupos de Educação Popular em São Paulo. Eu defini meu projeto de pesquisa de mestrado a partir desta dessa experiência.

Coletivo MTO: Quando você assumiu a perspectiva materialista histórica e dialética marxista nos seus estudos?

Léa: Bom, como uma jovem dos anos 1970 ... Eu sou a quarta filha de uma família de seis, só tenho um irmão, as minhas irmãs já tinham ido fazer Universidade nos anos 1960. Então, elas pegaram bem mais rígida a censura, a pressão sobre o movimento estudantil e sobre os jovens daquele tempo. Eu entrei na universidade em 1975. Não tive muito essa pressão, mas, ao mesmo tempo, ela repercutia na gente porque uma delas já estava ligada ao Partido Comunista. Eu tinha amigos lá. Numa época, a minha família hospedou uma pessoa que estava escondida porque estava sendo perseguida. Não nos expúnhamos tanto. A opressão ficava sobre a gente, mas, ao mesmo tempo, a gente estava na época de muitos movimentos feministas. A gente buscava mesmo era não ter barreiras e descobrir coisas novas. A minha família é cristã; meu pai era pastor evangélico. Eu conhecia um universo muito pequeno. A universidade abriu bastante meus horizontes. Na minha graduação, a gente batalhou para fazer passeatas para a UNE⁷ ser novamente legalizada. Enfim, depois disso, ter ido morar fora também me ajudou bastante a amadurecer. Ter feito a pós-graduação também, por ter encontrado pessoas com este tipo de engajamento não só político, mas sindical. Aqui em São Carlos, nós tínhamos o PCB⁸ e o PT⁹. Eu acabei me filiando para uma discussão mais ampla na visão da sociedade das ações de emancipação, de melhora das condições de vida. Então a gente começou a abrir o olhar e eu me tornei marxista. Não dava para não ser, não tinha uma outra corrente que conseguisse ter uma penetração, que tivesse conseguido dar respostas às pessoas.

Coletivo MTO: O interessante é que alguns dos elementos das lutas de classes deste tempo histórico aparecem no seu estudo. Afinal, a Terapia Ocupacional não se constituiu naquele tempo alijada desta conjuntura. Aliás, seria muito interessante se você pudesse apresentar o contexto do que você categorizou no estudo como crise do papel profissional nos idos anos 1980.

Léa: Vou relatar um pouco desses dilemas que eu vivi. Na graduação, fiz estágio em uma oficina do Instituto Braille, que depois foi renomeado Dorina Nowill, na Vila Mariana, na cidade de São Paulo-SP. Ele era uma referência na assistência à pessoa com deficiência visual. Eu era estagiária na parte de treinamento profissional, o que seria o último estágio do processo de reabilitação daquelas pessoas. Era uma instituição toda organizada, mas bastante rígida em relação aos serviços e ao processo de tratamento. Tínhamos alguns horários para as entrevistas em uma salinha. Lá, eu ficava lendo Carl Rogers e pensava: 'quanta diferença! Ao invés de eu estar centrada no paciente aqui, a gente está centrada na instituição'. Lendo Foucault, pensava sobre o quanto eu via aquela instituição super

⁷ União Nacional dos Estudantes.

⁸ Partido Comunista Brasileiro.

⁹ Partido dos Trabalhadores.

burocratizada. Então, nesta sala, eu entrevistava alguns internos e, depois, eu ia para a oficina. Na oficina, tínhamos trabalhos bem recentes demandados pela indústria e alguns voltados para o setor de comércio. Existia uma preparação da instituição para receber as demandas de trabalho e preparar os internos para a sua realização. No processo, eu via que, se alguém entrasse em uma crise emocional, era comum a terapeuta ocupacional dizer: 'você já fez psicologia, agora você está na fase de ir para o mercado de trabalho. Isso vai passar''. A terapeuta ocupacional não tinha muitas ferramentas para conseguir dar uma resposta, dar um suporte maior para aquela pessoa porque, naquele tempo, quem ia atuar na área da assistência à Disfunção Física não tinha uma formação boa em Saúde Mental, não tinha recursos, não tinha esse aprendizado que é muito mais prático do que teórico. Então, diante de questões de Saúde Mental, tínhamos que encaminhar a pessoa ao setor psicológico da instituição, pois não dávamos conta de resolver. Outra coisa é que a instituição não aceitava retrocessos nos mecanismos profissionais, não aceitava retornar os internos à fase inicial, à Psicologia, por exemplo, uma vez que eles já tinham tido alta. Eu sempre pensava: 'gente, mas o momento da crise é agora, sabe!' E não acontecia. Enfim, a instituição era uma máquina, como no filme dos Tempos Modernos¹⁰, em que a Terapia Ocupacional estava na última etapa do acabamento e que a pessoa não poderia ter um problema, apresentar uma rebarba ou ser reavaliada no processo inicial. Daí eu vi que não tava legal isso aí e que também não era uma impotência só da profissional, mas sim do sistema da instituição. Outra situação que a gente via lá em Piracicaba: tínhamos jovens que haviam vividos dentro de uma instituição, ou de uma escola especial, ou, ali, no caso, no centro de reabilitação que atendia pessoas com deficiência física e mental, com pouca inserção social. Daí, quando falavam que eles tinham que ir para o mercado de trabalho, tínhamos familiares que não aceitavam este direcionamento porque, para eles, aqueles jovens eram pessoas deficientes. Eles diziam: 'Ele é deficiente! Não queiram exigir deles um desempenho para uma firma ou uma empresa porque não vão ter!' Então esse desejo não partia deles, nem da própria família que criavam bloqueios para tal. Normalmente, não queriam expor aquela pessoa para a sociedade porque achavam que a sociedade iria realmente repelir o que ele era. Então, a gente via o quanto que havia a questão ideológica e social da exclusão. Eu via que existiam várias questões também para serem trabalhadas para além das necessidades dos jovens. Então, eram coisas que eu via e sentia na pele como profissional. A Helô, minha parceira, quem admirava muito, que era de uma geração mais adiantada do que eu, ela falava: '*Eu trabalho com as crianças da FEBEM¹¹. As crianças de até seis anos estão comigo, mas onde estão as suas mães? Por quê logo tiram-nas das mães? Se a mãe não tem condições de criar a criança, por quê não se dá uma retaguarda para esta família? Onde é que estão os pais destas crianças? Por quê também não existe um preparo para esta paternidade? A gente acolhe a criança e ela fica institucionalizada precocemente e doente precocemente; é uma privação, é uma miséria*'. Ainda, tínhamos esse trabalho da FEBEM que era recente dos anos 1970. As profissionais se angustiavam por estarem nesse lugar. Eu também fiz estágio com adolescentes. A Jussara¹² foi a minha supervisora. E ela também sentia o quanto que se esperava do profissional um papel repressor ou, se

¹⁰ Filme dirigido e estrelado por Charles Chaplin e elenco em 1936

¹¹ Fundação para o Bem-Estar do Menor

¹² Professora Jussara de Mesquita Pinto

não fosse repressor, de convivência com o autoritarismo que estava dentro da instituição. O lugar era bem cerceado, enfim, as pessoas se sentiam assim muito tolhidas: *'Por que me puseram aqui neste lugar onde eu pouco posso realizar? Os espaços de segregação e de repressão estavam sendo ampliados na sociedade e a profissão estava se repensando. Ela ocupava o espaço, mas 'E aí? O que eu faço lá dentro?'* Nos anos 1970, ainda vivíamos muito essa opressão; nos anos 1980, houve o movimento de democratização: voltamos a eleger, voltamos a ter denúncias, todo o processo das instituições de Saúde Mental de morte e de abandono foi sendo denunciado, juntos, foi sendo construído o movimento de resistência dos trabalhadores da Saúde Mental, até com a supervisão do Basaglia¹³ e de todos que por aqui defenderam a desinstitucionalização e o cuidado em liberdade. Este foi um trabalho muito bonito que aconteceu. Isso inspirou muito a gente perceber que os limites não eram profissionais, eram sociais, eram institucionais; e, por isso, as instituições tinham que ser repensadas; e, por isso, que os profissionais e o coletivo dos usuários, e não só os clientes e os pacientes, deveriam ter voz, ser colocados como agente de mudança, e não só como receptores de cuidados, ou de informações, ou de técnicas. Então, a minha geração foi se encontrando e percebeu que o domínio técnico era muito restrito, mas que a resposta era que precisamos construir novas visões e daí procurar ferramentas ou construir ferramentas no saber coletivo ao mesmo tempo usar a nossa especificidade a favor dessas causas. Isso foi abrindo a nossa perspectiva. Muitos autores nos inspiraram na caminhada.

Coletivo MTO: A assim chamada Corrente Materialista Histórica da Terapia Ocupacional adveio desta época?

Léa: O nosso berço de produção foi num grupo de fundamentos de Terapia Ocupacional. Estávamos, a Jussara, a Beatriz Ambrosio do Nascimento, a Glória¹⁴ ... e eu. O curso de Terapia Ocupacional desta Universidade, quando eu entrei, já havia sido reformulado, mas eu participei de uma parte da reformulação para que as pessoas tivessem um conhecimento dos principais autores da filosofia para daí construir um novo pensamento. Então, este fundamento metodológico acabou sendo construído para a Terapia Ocupacional nesta época. O capítulo do livro que traz uma teorização a respeito, para mim, não era para o livro, era uma formação que eu estava adquirindo. Para a minha pesquisa, eram o terceiro e o quarto capítulos porque traziam questões mais específicas da área da profissão, fazendo conexões com os campos filosóficos e das políticas de saúde. Elas diziam que estes escritos deveriam estar, fazer parte da produção teórica do estudo. Eu achava que, na verdade, isso ia ser um anexo, mas ele acabou tendo outra finalidade: de um material educativo para outros professores e profissionais. Então, este grupo, a gente sentava e pensava junto disciplinas, ou o que nós estávamos estudando, cada uma no seu mestrado, e isso nos fortaleceu. Não éramos só nós quatro. A Helô também, que estava fazendo mestrado em filosofia da educação, na PUC de Campinas, até porque ela permaneceu na PUC quando eu vim para São Carlos, depois que ela veio para a Federal. Ela e a Berê¹⁵ continuaram discutindo sobre o

¹³ Franco Basaglia.

¹⁴ Professora Glória Nilda Velasco Maroto

¹⁵ Professora Berenice Rosa Francisco

ponto de vista epistemológico. A Bia¹⁶ era muito próxima do grupo da USP¹⁷, de uma geração de professores que passou a compor o curso da universidade. A Roinha¹⁸, por este motivo, veio para a UFSCar fazer o mestrado e, depois, passou a ser docente no curso. A Fátima Oliver e a Denise Dias Barros faziam parte desse grupo em São Paulo. Então a Roseli e a Bia eram nossas interlocutoras com elas. Com isso, tínhamos um certo grupo para pensar e debater as questões. Então, não era um trabalho solitário. Algumas produções foram saindo ao longo daqueles anos; outras levaram um pouco mais de tempo.

Coletivo MTO: Reconhecemos que este foi um momento muito rico de produção acadêmica da Terapia Ocupacional brasileira, em particular, sobre os limites epistemológicos da profissão. Você se apropriou da constituição da Terapia Ocupacional no Brasil e analisou a sua forma particular de desenvolvimento no movimento nas relações sociais e da produção material da sociedade brasileira capitalista daquele tempo. Como que o seu estudo foi recebido pelos nossos pares?

Léa: Na UFSCar, a gente tinha a produção de pesquisa aliada à formação de novos estudantes. Então, nós tínhamos uma conexão muito forte, só que chegava nas disciplinas, nas abordagens clínicas, a gente tinha uma desconexão. Foi quando a gente viu que não bastava ter nova fundamentação se você não tivesse também consolidado uma nova prática. Aí, nos anos 1990, fomos para área clínica. Nós nos aproximamos mais da assistência direta à saúde. A Helô foi para a área de Saúde do Trabalhador; a gente foi vendo as brechas dentro da própria formação do curso. Eu, a Bia e a Jussara fomos atender pacientes com disfunções físicas. Então, a gente foi tentando fazer, não muito bem uma reciclagem, mas uma reconstrução do objeto da Terapia Ocupacional nesse campo clínico. Na UFSCar, fomos assimilando a relação teoria e prática sem muito antagonismo, com respeito mútuo entre as professoras. Agora, em outras universidades, especialmente com os profissionais formados mais antigamente, que estavam bem consolidados, entre aqueles que cresceram no mercado com suas clínicas ou aqueles bem especializados, tipo do Hospital das Clínicas, eles se sentiam, especialmente com meu trabalho e com o da Jussara, quando vinha essa categorização de serem tecnicista e tal, muitos alunos iam para o campo de estágio e queriam logo rotular as pessoas, mas as pessoas são mais complexas do que os rótulos, nós expúnhamos um poço de contradições, então, isso gerou muita polêmica. Alunos próximos que iam para uma instituição passavam a questioná-la; campos de estágios foram fechados. As profissionais tradicionais se sentiam mais cobradas pelos alunos. Então, gerava, sim, um desconforto; e alguns campos de estágio foram fechando as portas, isso já nos anos 1990, onde já era mais liberado para os alunos se colocarem em uma perspectiva mais crítica. Sempre dizíamos para os alunos que era para serem críticos à realidade da profissão, mas não para serem cricris¹⁹; é para serem construtivos e não para serem destrutivos à prática da Terapia Ocupacional. Então, isso tudo foi aparecendo em outras instituições: nas escolas de Lins-SP, nas escolas de Santa Catarina, do Paraná, da Bahia e de

¹⁶ Professora Beatriz Ambrosio do Nascimento

¹⁷ Universidade de São Paulo

¹⁸ Professora Roseli Esquerdo Lopes

¹⁹ Expressão popular de quem fica criticando, achando defeito, reclamando.

Pernambuco, às vezes. No IPA²⁰, durante uma época, sim. Tínhamos um discurso que poderia ser visto como radical, mas as pessoas estavam preocupadas em fazer, na Terapia Ocupacional, um enfoque mais técnico mesmo, não se sentindo incomodadas, também não queriam tomar conhecimento, mas a nova geração, formada com esse olhar, foi causando desconforto e, por onde, passou colocou as pessoas para pensar sobre o assunto. Muitos e muitas colegas docentes se modificaram, até porque a sociedade também foi se modificando, assumiram ser novos agentes de mudança.

Coletivo MTO: Uma última pergunta para você, professora Léa. Na verdade, nós gostaríamos de pensar com você algumas das perguntas que você nos ofereceu no seu estudo. No seu livro, você nos provoca: *"A partir da literatura à qual tivemos acesso, novas questões se colocaram: quais teriam sido os determinantes econômicos, políticos-ideológicos e as necessidades sociais que vieram constituir, no Brasil, a terapia ocupacional, uma outra profissão na área saúde? A quais necessidades sociais estará terapia ocupacional respondendo atualmente? Qual a função político-ideológica contemporânea desta prática de saúde? A terapia ocupacional responde ou pode vir a responder às necessidades da classe trabalhadora?"* (SOARES, 1991, p.16).

Léa: Bom, eu fiquei pensando mesmo nessas perguntas porque eu me fiz há trinta anos. E, hoje, eu acho que o saber que está acumulado no campo da Terapia Ocupacional e Saúde Mental busca constituir sujeitos, agentes de transformação ou expressar não só uma visão individual, mas também uma visão sobre a exclusão, sobre as mudanças que a sociedade tem que ser, repensar. Eu acho que, desde o processo da desinstitucionalização, os outros espaços de convivência e os lares abrigados, as moradias coletivas, que também se aparece no campo social, eu vejo que é uma constituição já bem mais estruturada, um saber mais estruturado, inovador, mais consistente, que foi sendo elaborado ao longo dessas décadas, e que tem mostrado resultados satisfatórios para o bem-estar não só dessas pessoas, enquanto grupos excluídos, mas de repensar a sociedade como um todo e novas formas de cuidado, de ação. Quando eu penso na Educação Inclusiva e o quanto que a escola também se modificou para ter esse novo fazer, esse novo olhar, ou mesmo o campo da Saúde do Trabalhador e parte também das ações em Saúde Coletiva e Saúde da Família, eu acho que a Terapia Ocupacional também amadureceu bastante nessa forma de agir, de fazer e de trabalhar junto com outros profissionais e sujeitos. A gente não está mais falando só do cuidado, estamos falando também na construção de novas políticas, de novas instituições, de novos fazeres. Como, nos anos 1980, a gente teve a construção do SUS, isso tudo veio desse debate que foi coletivizado. O SUAS²¹ também veio desse processo de construção coletiva. Então, eu acho que a nova escola também está saindo desse fomento, dessa discussão. De certa forma, a nossa sociedade vem se reformulando; e eu vejo que os terapeutas ocupacionais não estão alijados desse processo, estão muito engajados! Isso tudo é motivo de orgulho porque nós éramos um grupo pequeno, fragmentado. Eu acho que temos muitos outros dilemas que quem está no campo consegue reconhecer melhor que eu. Eu já me sinto afastada dele, mas isso faz parte do processo. O novo traz

²⁰ Centro Universitário Metodista de Porto Alegre

²¹ Sistema Único de Assistência Social

novas demandas e a gente tem que buscar a solução. Então, as ferramentas antigas talvez não sirvam mais, tem que se construir novas ferramentas. Mas o conjunto de saberes deve ser ampliado para chegar nessas práticas inovadoras. Buscar a resposta faz parte do processo de construção do conhecimento e ficar insatisfeito também. Então, a inquietação ou a ansiedade é benéfica nesse sentido. O que a gente não pode é estagnar ou se sentir já satisfeito plenamente com as respostas que a gente possui.

Coletivo MTO: Sinta-se à vontade para complementar alguma informação da entrevista ou manifestar alguma questão não compartilhada, professora ...

Léa: Quando você fez o primeiro contato e convite, eu pensei assim: mas será que eu ainda sou materialista histórica dialética para falar sobre? Me questionei, sabe, o quanto o meu agir, meu pensar, hoje, ainda pactuava com essa orientação filosófica. E, é claro, que todas as mudanças aí dos países que tentaram implantar o socialismo, o comunismo, nos faz crer que é muito complexo se atingir essa utopia. Eu devo dizer, também, que a minha formação espiritual cristã, que aflorou muito mais nos últimos anos, me fez deixar de lado, vamos dizer, essa perspectiva, no sentido de confiar mais na mudança que o próprio homem pode realizar do que confiar e crer que a mudança essencial só vem por uma mudança interna, sabe, não só do indivíduo, mas uma mudança espiritual. Então, a condição, hoje, a minha concepção é muito mais humanitária. O que eu quero dizer é que, se antes eu era mais marxista, hoje eu sou mais teocêntrica. Eu mudei, né?

Coletivo MTO: Muito obrigado, professora Léa. Agradecimentos aos colegas entrevistadores por este importante diálogo. Esperamos te encontrar pessoalmente em breve. Um afetuoso abraço, professora!

Referências

Soares, L. B. (1991). Terapia ocupacional: lógica do capital ou do trabalho?. Hucitec.

Contribuição dos autores: B.S.B.M.: Elaboração, investigação, entrevista, revisão do texto, supervisão. W.C.B.: Elaboração, investigação, entrevista, revisão do texto. A.R.P.T.: Elaboração, entrevista. L.C.M.: Elaboração, investigação, entrevista.

Recebido em: 28/02/2022

Aceito em: 31/05/2022

Publicado em: 30/11/2022

Editor(a): Ana Carollyne Dantas de Lima